

O CHISTE E O RISO NA PEÇA NÃO CONSULTES MÉDICO, DE MACHADO DE ASSIS

Ederson Vértuan*

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a aplicação técnica do modo espirituoso por Machado de Assis em sua peça *Não Consultes Médico* (1896), além de contribuir para o estudo da obra teatral do autor e, no interior desta, à pesquisa acerca do chiste machadiano. Com o estudo analítico dos vários casos de efeitos chistosos presentes nessa obra, deseja-se compreender as características do dito espirituoso e a maneira com que ele produz o riso, aprofundando assim o estudo de um dos aspectos técnicos mais marcantes no estilo de Machado de Assis.

PALAVRAS-CHAVE: chiste, riso, teatro machadiano.

ABSTRACT: This essay aims at analysing how the Brazilian writer Machado de Assis technically employs the Wit, or mot d'esprit, in his play *Não Consultes Médico* (1896) and, thus, contribute to encourage studies not only about his theatrical work but also about Machado's use of this technique. Further on, with the analyses of several cases of witty effects within the play, one expect to understand characteristics of the Wit and how it produces laugh, enhancing thus the studies concerned about a memorable technical aspect of Machado de Assis' style.

KEYWORDS: Wit, Machado's theatrical work, laughter.

Uma das técnicas lingüísticas mais interessantes às quais Machado de Assis recorre para promover o riso em suas obras, especialmente em sua obra teatral, consiste no emprego do assim denominado “modo espirituoso”. Forma de linguagem metafórica usada para agredir, o modo espirituoso¹, ou chiste², está muito presente na obra teatral do autor brasileiro, ainda pouco estudada.

Nos vários casos de ditos espirituosos presentes na peça *Não Consultes Médico* (1896), certamente não serão encontrados exemplos de chistes que, à primeira olhadela, preencherão todas as características de um verdadeiro dito chistoso, como jogos de palavras ou mudanças na ordem de termos. No entanto, veremos que, mesmo ao não apresentar algumas características de típicos ditos espirituosos, poder-se-á afirmar que as passagens produzem

* Especialista em Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Londrina.

1 O termo refere-se a um dito responsável por provocar um riso “comedido”. Além disso, trata-se de um dito para cuja elaboração e entendimento exige-se inteligência. Seu significado é mais restrito em relação ao do termo *chiste*.

2 Termo com significado mais aberto, do espanhol “dito gracioso, narração de escárnio”. Não obstante as diferenças entre os termos *dito espirituoso* e *chiste*, o presente trabalho empregará este último como sinônimo do primeiro.

um efeito chistoso e ainda são originárias de processos idênticos aos de formação do chiste. Na peça *Não Consultes Médico*, o dito chistoso surge em vários momentos; porém, jamais com uma única configuração. Assim, cada dito chistoso pode ser analisado em suas particularidades.

A obra *Não Consultes Médico* (1896) é uma peça de ação rarefeita, em que o essencial se encontra na linguagem. A maior parte de seu desenrolar é ambientada em um gabinete, no interior do qual cinco personagens dialogam entre si: o casal *Magalhães e D. Adelaide*; a filha, *D. Carlota*; a tia, *D. Leocádia*; e um amigo de *Magalhães*, *Dr. Cavalcante*. A história se passa na casa de *Magalhães*, na Tijuca.

D. Leocádia considera-se uma espécie de “médica” especialista na cura de dores sentimentais; uma tia que se orgulha por ter contribuído para a união entre *Magalhães e D. Adelaide*. A jovem filha do casal, *D. Carlota*, passa por um período de desilusão amorosa. Seu pai, *Magalhães*, é visitado pelo amigo excêntrico e deprimido, *Dr. Cavalcante*, o qual, também motivado por uma decepção romanesca, desiste do amor e pensa em tornar-se monge. Intrigada com os modos tristonhos do rapaz, *D. Leocádia* descobre sobre *Cavalcante* ter sido abandonado por uma mulher, no Peru. Ciente do sofrimento amoroso também de *Carlota*, *D. Leocádia* decide intervir pela “cura” dos dois. Com isso, cuida para que os dois conversem a sós e compartilhem suas respectivas decepções. Durante as confissões mútuas entre ambos os jovens, *Cavalcante*, pouco a pouco, apaixonou-se por *Carlota*. A peça é encerrada assim que *Cavalcante* pede a mão de *Carlota* em casamento.

O título da peça é justificado por um provérbio apresentado na cena XI: “[...] Não consultes médico; consulta alguém que tenha estado doente”. Tal dito confirma-se ao final da obra, pois as dores amorosas de *Cavalcante* e *Carlota* são curadas assim que os dois se “consultam” mutuamente e dividem suas “enfermidades” sentimentais.

Em algumas passagens de *Não Consultes Médico*, é curiosa a presença de algumas condições correspondentes às de típicos ditos espirituosos. No primeiro exemplo que gostaríamos de abordar, extraído da *Cena III*, o entendimento do dito requer por parte do *emissor e receptor o conhecimento da língua em que ele foi criado*, sendo essa uma condição para a criação de um dito espirituoso. Em um diálogo entre *Magalhães e Cavalcante*, o riso apenas é possível quando se conhece a expressão corrente “cair do cavalo”:

MAGALHÃES

Mas, então ainda não perdeste essa idéia de ser frade?

CAVALCANTE

Não.

MAGALHÃES

Que paixão romanesca!

CAVALCANTE

Não, Magalhães; reconheço agora o que vale o mundo com suas perfídias e tempestades. Quero achar um abrigo contra elas; esse abrigo é o claustro. Não sairei nunca da minha cela, e buscarei esquecer diante do altar...

MAGALHÃES

Olha que vais cair do cavalo!

Como vemos, encontra-se no excerto uma característica essencial para a formação do chiste: o uso metafórico da linguagem como veículo para a “agressão” e o “ataque”. No presente caso, o que Magalhães parece atacar não está propriamente em seu amigo Cavalcante, mas nas concepções deste acerca do claustro. *Magalhães* tem a plena liberdade para realizar uma crítica objetiva ao posicionamento de seu amigo, com expressões como “isso é um disparate!”, ou “meu amigo está errado...”, elaboradas segundo o fino estilo machadiano. No entanto, *Magalhães* dribla estas formas diretas, negativas e cheias de tensão quando opta por atacar as concepções de seu amigo usando de meios socialmente mais admissíveis: “Olha que vais cair do cavalo!”. De fato, trata-se de uma maneira mais “delicada” encontrada por *Magalhães* para discordar de seu amigo, evitando a censura direta a suas opiniões. O espirituoso personagem faz evidente uso metafórico da linguagem com o intuito de agredir ou criticar, usando de uma configuração formal cuja brevidade corresponde à forma típica de um dito chistoso.

Em outro momento da peça, Magalhães revela a D. Leocádia alguns detalhes acerca das excentricidades e da desilusão amorosa de seu amigo Cavalcante:

MAGALHÃES

[...] mas minha tia, devo avisá-la de uma coisa; não lhe fale em casamento.

D. LEOCÁDIA

Oh! não!

MAGALHÃES

Fica furioso quando lhe falam em casamento; responde que só há de casar com a morte... A senhora exponha-lhe...

D. LEOCÁDIA

Ora, meu sobrinho, vá ensinar o padre-nosso ao vigário. Eu sei o que ele precisa, mas quero estudar primeiro o doente e a doença. Já volto.

MAGALHÃES

Não lhe diga que eu é que lhe contei o caso da peruana...

D. LEOCÁDIA

Pois se eu mesma adivinhei que ele sofria do coração.

Em um primeiro momento, essa fala de *D. Leocádia* não apresenta qualquer característica chistosa aparente. No entanto, é evidente que a personagem substituiu, de maneira inteligente, a forma usual com que se emprega a expressão “sofrer do coração”. Trata-se de uma substituição contextual: retirou-se a expressão de seu uso contextual literal para empregá-lo em outro contexto, o metafísico. Tal *procedimento substitutivo* está entre as características essenciais do chiste.

De semelhante modo, com essa expressão, nota-se que *D. Leocádia* “brinca” diante do dramático assunto da desilusão amorosa. Sua personalidade jocosa é responsável por fazê-la não se referir às dores amorosas por meio de termos literais, carregados de seriedade. Assim, para ajustar o tema a seus padrões *folgazões*, ou para burlar a extrema gravidade e tornar o assunto mais leve e palatável tanto para si como para *Magalhães*, *D. Leocádia* renova uma expressão já desgastada. Para isso, usa da substituição contextual, do uso não convencional e excêntrico da expressão.

A *Cena VI* apresenta outro exemplo de um dito com características chistosas. Nessa ocasião, *D. Leocádia* receita a *Cavalcante* um “remédio” cuja função é curá-lo de sua desilusão amorosa e fazê-lo esquecer sua antiga paixão:

CAVALCANTE

Vou tratar de esquecê-la.

D. LEOCÁDIA

De que modo?

CAVALCANTE

De um modo velho, alguns dizem que já obsoleto e arcaico. Penso em fazer-me frade. Há de haver em algum recanto do mundo um claustro em que não penetre sol nem lua.

D. LEOCÁDIA

Que ilusão! Lá mesmo achará a sua namorada. Há de vê-la nas paredes de cela, no teto, no chão, nas folhas do breviário. O silêncio far-se-á boca da moça, a solidão será o seu corpo.

CAVALCANTE

Então estou perdido. Onde acharei paz e esquecimento?

D. LEOCÁDIA

Podê ser frade sem ficar no convento. No seu caso o remédio

naturalmente indicado é ir pregar... na China, por exemplo. Vá pregar aos infiéis na China. Paredes de convento são mais perigosas que olhos de chinesas. Ande, vá pregar na China. No fim de dez anos está curado. Volte, meta-se no convento e não achará lá o diabo.

CAVALCANTE

Está certa que na China...

D. LEOCÁDIA

Certíssima...

CAVALCANTE

O seu remédio é muito amargo! Por que é que não me manda antes para o Egito? Também é país de infiéis.

Nesse momento, não obstante o comentário desaprovador acerca do “remédio” prescrito por *D. Leocádia*, *Cavalcante* cuidadosamente reprova a “receita” de cura proposta por sua “médica”. É clara sua intenção crítica acerca do tal “remédio”; mas, ele deve expressá-la não de modo “grosseiro”. Por isso, *Cavalcante* prefere atenuar sua mensagem de forma a ser polido e usa de espírito para criticar o “remédio” de *D. Leocádia*, quando afirma: “Mas o seu remédio é muito amargo!”. O uso da linguagem metafórica revela, embora de forma polida, uma intenção crítica ao “remédio” receitado por *D. Leocádia*. Assim, *Cavalcante* consegue deformar uma queixa socialmente inoportuna e, com isso, burlar as formas passíveis de esbarrarem na repressão social.

A passagem a seguir oferece uma configuração mais tipicamente chistosa dentre os exemplos trabalhados até agora. Presente na Cena I, no diálogo entre *Magalhães* e *D. Adelaide*, o dito revela maior ligação com a erudição e com um inteligente modo de burlar as repressões sociais a fim de alcançar o objetivo da “agressão”:

D. ADELAIDE

[...] Carlota está com dezoito para dezenove anos; titia não a quer casar antes dos vinte. Desconfio que já traz um noivo em mente, um moço que não é feio, mas tem o olhar espantado.

MAGALHÃES

É um desarranjo para nós; mas, enfim, pode ser que lhe achemos lá na Grécia algum descendente de Alcibíades que a preserve do olhar espantado.

Nesse momento, o *efeito chistoso* encontra-se no uso da linguagem metafórica de *Magalhães* com o intuito de atingir, no presente caso, ao homem de “olhar espantado”. Ao fazer referência a Alcibíades, *Magalhães*

evoca as virtudes de um corajoso político, comandante de esquadra e estrategista ateniense, de origem familiar ilustre e amigo de Sócrates. *Magalhães*, por meio dessa comedida evocação, de fato ataca ao homem de olhos assustados chamando-o de “covarde” e, simultaneamente, comunica seu desejo de que a filha se case com um homem de elevada posição social. De modo implícito, *Magalhães* o está alcunhando de “pobre coitado” e de homem “sem eira nem beira”. A técnica do chiste, como vimos, é justamente a da *substituição*, a mesma técnica utilizada pelos sonhos como forma de fugir às repressões do psiquismo. No exemplo dado, a analogia é realizada de modo a evocar as características inversas às da distinção e coragem de *Alcibíades*, assim atingindo poderosamente o objeto a quem foi destinado o chiste, ou seja, o *homem de olhar espantado*. Um ataque tão poderoso que necessitou escamotear, de maneira igualmente potente, as formas de agressão reprimidas pelo psiquismo e pelas normas de convívio social. Deformado, o ataque está encoberto; contudo, revela-se intacto seu alto poder “destrutivo”.

Com esses exemplos, fica evidente a presença comum de nuances e traços chistosos que obedecem à *forma e processo* de criação determinados, pessoas envolvidas nessa criação, além do forte papel da *inteligência* em tal processo. Agora, veremos a relação desses procedimentos de criação com o riso e os objetivos a ele subjacentes.

O *riso* relacionado ao *chiste* difere do riso ligado ao *cômico*. É importante frisar que o efeito de todo *dito chistoso* é essencialmente conseguido através do texto e não por meio de uma ação, como no caso do *efeito cômico*. O *chiste* constitui um tipo de linguagem falada e não está, tal qual o *cômico*, categorizado como obra de arte. O *chiste* é, antes, caracterizado por um texto oral e curto, que obedece a forma abreviação e formação substitucional, esta última considerada a essência do *chiste*. Características essas que, como vimos, são apresentadas pelos exemplos trabalhados.

A questão das pessoas envolvidas no *chiste* é importante por possuir essencial relação com o *riso*. Todo *chiste* é passível de apresentar três pessoas: o *emissor*, o *receptor* e o *objeto*, não sendo, contudo, necessária a presença de todas em um único *chiste*. A terceira dentre tais pessoas, o receptor, é a única sujeita ao riso. Não riem do *chiste* o emissor e o objeto. No último exemplo citado, a pessoa passível de rir não corresponde ao próprio *Magalhães-emissor*, ou o objeto a quem se dirigiu o dito. A única pessoa sujeita ao riso está na figura da receptora, *D. Adelaide*.

Finalmente, a *inteligência* é outro elemento que caracteriza esse mesmo exemplo como de *efeito chistoso*. O conhecimento acerca do mundo helenístico por parte do receptor é indispensável para o riso. No início da peça, em momento anterior ao do exemplo mencionado, somos informados de que *D. Adelaide e Magalhães* estudam livros sobre a cultura da Grécia como preparação para uma viagem a esse país. Desse modo, é coerente

presumir que a receptora, *D. Adelaide*, possuía conhecimentos prévios acerca da história de *Alcibíades*. A referência a ícones da cultura clássica revela erudição do emissor (*Magalhães*), enquanto sua habilidade metafórica demonstra a inteligência. O conhecimento da figura histórica abordada, *Alcibíades*, é essencial para o riso do receptor (*D. Adelaide*).

O estudo do aspecto concernente ao chiste presente na peça *Não Consultes Médico* (1896), de Machado de Assis, aponta para grande e variada carga de expressividade. A idéia mais evidente subjacente ao emprego do chiste está no objetivo de burlar toda censura moral e social para satisfazer a desejos proibidos de agressão. Os personagens elaboram expressões cujos conteúdos poderiam infringir as normas da cordialidade social. No entanto, a maneira com que as expressões são elaboradas é responsável por burlar toda a censura social e satisfazer o desejo reprimido de agressão ou de caráter sexual. Todo o instinto que se tornou proibido pode ser driblado por essas expressões chistosas. Os personagens, desse modo, realizam socialmente um desejo contido (atacar o outro, ridicularizá-lo ou criticar opiniões), um desejo causador de prazer³, não obstante sua forma deformada: o *chiste*. Assim como o sonho realiza um processo *analógico* ou metafórico para escapar às censuras do psiquismo, o *chiste* substitui elementos metaforicamente a fim de fugir às repressões sociais e morais.

Por um momento, durante o processo sugerido pelos ditos dos personagens, ocorre uma economia de tensão. Ao realizar um chiste, os personagens machadianos economizam uma força repressora: aliviam suas inibições a dizer sandices ou inibições a fazer críticas ao outro. O responsável por descarregar essa tensão dos personagens é o riso, que esvazia a tensão e poupa os personagens de sofrimento.

O *riso*, assim, substitui um desejo irrealizado, como criticar severamente as opiniões do outro, situação estudada no exemplo de *Magalhães* e *Cavalcante* em que há referência à expressão “cair do cavalo”. Além disso, tal riso retrata a rebeldia contra as imposições da moral ou da lógica, rebeldia essa que é escondida sob as aparências e superficialidades da vida social.

Outra função, ainda, exercida pelo riso sobre os personagens de *Não Consultes Médico* consiste na ultrapassagem de *obstáculos exteriores*, como vimos na questão *social* do último exemplo, e também *interiores*. Esses obstáculos são responsáveis pelo sofrimento e pela carga de tensão. Com o emprego do chiste, diminui-se ou elimina-se a tensão psíquica dos personagens. Tal fato pode ser ilustrado pelo momento em que *D. Leocádia* brinca com *Magalhães* sobre *Cavalcante* “sofrer do coração”, ou quando *Cavalcante* critica a receita “médica” de *D. Leocádia*. Ao dizer de modo

³ O produtor do *chiste* alivia sua tensão e libera seus instintos de agressão reprimidos, o que representa uma forma de prazer. O *receptor* também alivia sua tensão através do *riso*.

espirituoso, *Cavalcante* alivia a tensão causada por sua reprova inicial à severidade do “remédio” de *D. Leocádia* e poupa a ambos de palavras tensas e desagradáveis.

Finalmente, vale observar a real presença dos caracteres técnicos que compõem o chiste. A primeira, já abordada, é o desejo *reprimido*, a expressão do desejo de agressão. Em seguida, nota-se nos exemplos a presença da principal técnica do *chiste*: a *substituição*, que corresponde à metáfora e à analogia. Além disso, pode-se perceber com os exemplos o papel essencial exercido pelo *texto* na criação do *chiste*. Como vimos, o *chiste* não se origina de uma ação praticada pelos personagens, mas de um processo essencialmente de linguagem. Outros aspectos ainda presentes nos excertos apresentados são a concisão e brevidade e o papel indispensável da inteligência e da erudição, seja na sagacidade com que os chistes são elaborados, seja nas referências presentes nele, como as que, segundo vimos, evocam a cultura helenística.

O estudo dos *chistes* na peça *Não Consultes Médico* deve ser visto apenas como uma expedição inicial sobre o tema presente na obra teatral de Machado, estando o assunto longe de encerrado. Em termos de quantidade, é possível que as demais obras teatrais do autor apresentem, individualmente, maior número de chistes. E, ainda, mais diversos exemplos de efeitos chistosos que apresentem outros procedimentos técnicos, como *divisões de palavras*; uso de palavras cujo *som* represente uma *terceira palavra*; *jogos com as partes das palavras* ou *mudanças na ordem* de vocábulos; *substituições* de partes de palavras ou termos inteiros; ou mesmo o procedimento de *agregação*, que consiste em juntar palavras que não pertencem ao mesmo campo semântico.

A análise do *chiste* na obra teatral *Não Consultes Médico* (1896), de Machado de Assis, revelou os objetivos e características do modo espirituoso, assim como a importância que o procedimento chistoso apresenta para a produção do *riso*. Por ser um modo de satisfazer os desejos proibidos de caráter sexual ou agressivo através de sua deformação, podemos considerar o *chiste* uma das características mais marcantes do estilo de Machado de Assis. Dessa forma, a presente abordagem do tema em *Não Consultes Médico* constituiu uma pesquisa introdutória ao estudo do *chiste* na obra teatral de Machado, assim como um pequeno convite ao aprofundamento do tema em demais obras desse importante autor brasileiro.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Não consultes médico. In: João Roberto Faria (Org.). *Teatro de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 511-557.